

SEVEN

EDITORIA
2026



MOVIMENTO CULTURAL

COXA RASTA

QUATRO ANOS DE AMOR AO CORITIBA



HENRIQUE VIEIRA DOS SANTOS

AL COXA RASTA

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Henrique Vieira dos Santos

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S586m Santos, Henrique Vieira dos.
Movimento Cultural Coxa Rasta [recurso eletrônico] : Quatro
Anos de Amor ao Coritiba / Henrique Vieira dos Santos. – São
José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2026.
Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-6109-396-5

1. Arte. 2. Cultura. 3. Torcida. I. Coritiba. II. Título.

CDU 796.332

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Futebol 796.332

DOI: 10.56238/livrosindi202678-001

Seven Publications Company
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

NOTA DO AUTOR

Caro leitor,

Esta obra tem uma missão clara: ser o primeiro registro histórico e documental do Movimento Cultural Coxa Rasta. Mais do que um relato, este livro é um farol para quem busca em nossa filosofia a paz no esporte e uma fonte fidedigna para aqueles que desejam entender a transposição, resistência e sobrevivência da cultura Rastafari nas arquibancadas brasileiras.

Escrevo como quem vive o dia a dia da educação e da paixão pelo glorioso Coritiba Football Club. Sou Henrique Vieira dos Santos, professor da rede pública e eterno entusiasta da cultura Rastafari. Meu maior desejo é que estas páginas impactem as novas gerações, despertando o gosto pela leitura e provando que é possível transformar um ambiente historicamente marcado por tensões viscerais em um espaço de consciência humana, pacífica e inclusiva.

Trabalhamos arduamente para que a violência e a discriminação dêem lugar à união. Convido você a mergulhar nessas páginas e a festejar o nosso Coritiba junto com a Coxa Rasta.



Seja bem-vindo à nossa família!

Já guie!

SUMÁRIO

O BRILHO VERDE SOB A ESTRELA DE JÁH.....	6
AO TIO CORINGA, COM CARINHO.....	8
TRANSPOSIÇÃO: DO “UNDERGROUND” MUSICAL PARA AS ARQUIBANCADAS DO ALTO DA GLÓRIA.....	10
POR QUE A COXA RASTA NÃO DEMARCA TERRITÓRIO COM SANGUE?.....	12
NOSSA IDEOLOGIA.....	13
TORCIDA OU MOVIMENTO CULTURAL?.....	14
A ANATORG E A DIGNIDADE DA ARQUIBANCADA.....	16
IRMÃOS DE FÉ E DE ARQUIBANCADA: A CORRENTE RASTA NO BRASIL.....	18
VOZES E VIVÊNCIAS A ALMA DA COXA RASTA.....	21
A ARQUIBANCADA COMO EXTENSÃO DO LAR: O PORTO SEGURO DAS FAMÍLIAS.....	27
O VERDE E BRANCO COMO ESCUDO DE RESISTÊNCIA.....	29
O COMBATE À HOMOFOBIA E A LINGUAGEM DA EXCLUSÃO.....	31
ARQUIBANCADA FEMININA: O DIREITO AO ESPAÇO E O FIM DO ASSÉDIO.....	33
ENTREVISTA IMPÉRIO ALVIVERDE.....	35

COM A PALAVRA: TIO CORINGA ENTREVISTA COM O PRESIDENTE-FUNDADOR.....	39
QUATRO ANOS DE RAIZ, LUTA E ALVIVERDE.....	46
O AMANHÃ É RASTA E ALVIVERDE.....	48
GALERIA DE FOTOS.....	49

O BRILHO VERDE SOB A ESTRELA DE JÁH

O futebol, em sua essência, é um espelho da sociedade. Nas arquibancadas do Estádio Major Antônio Couto Pereira, entre o cimento e a emoção, pulsa um coração que busca mais do que apenas o grito de gol. Esse coração é a Coxa Rasta.

Este livro não é apenas um registro histórico de um movimento; é a materialização de um ideal. Nasceu da necessidade de mostrar que a paixão clubista pode, e deve, caminhar lado a lado com a consciência social, a paz e o respeito absoluto às diferenças. Ser Coxa Rasta é entender que o Couto Pereira é o nosso solo sagrado, mas que a nossa luta se estende para muito além das quatro linhas.

Inspirados pela filosofia de união, inclusão, resistência e amor ao próximo, decidimos documentar os pilares que sustentam este movimento. Ao longo destas páginas, o leitor encontrará a nossa visão sobre o que significa ser um torcedor no século XXI.

Falamos abertamente sobre feridas que o futebol ainda insiste em ignorar:

A urgência de um ambiente seguro e acolhedor para a comunidade LGBTQIA+;

O combate incansável ao assédio contra as mulheres, reafirmando que o respeito é a única regra inegociável;

A postura anti-preconceito que nos define como um escudo contra o racismo e a exclusão.

Nesta obra, reafirmamos que o “Alto da Glória” só faz jus ao nome quando é glorioso para todos — independentemente de gênero, orientação sexual, raça ou condição social. A Coxa Rasta se levanta para dizer que o estádio é a nossa casa, e na nossa casa, a hospitalidade e a justiça social são os nossos maiores títulos.

Convidamos você a vestir este manto de consciência. Que estas palavras sirvam de semente para que o futebol brasileiro seja, finalmente, um lugar de paz, onde o único confronto permitido seja a disputa sadia pela bola, e o único sentimento compartilhado seja o amor incondicional ao Coritiba Foot Ball Club.

Sejam bem-vindos ao universo Coxa Rasta!

AO TIO CORINGA, COM CARINHO

Popularmente querido e conhecido entre nós como Tio Coringa, Jean Carlos é figura central na cultura de rua e no movimento de arquibancada de Curitiba, transita entre a paixão pelo Coritiba Foot Ball Club, o ativismo social e a música, fundador e presidente do Movimento Cultural Coxa Rasta, nosso coletivo cultural que prega a paz dentro e fora dos estádios.

Mistura a estética do reggae e do rap com o futebol, conhecido por promover ações sociais em Curitiba e região, utiliza a força da família Coxa Rasta para arrecadar alimentos, agasalhos e promover eventos de conscientização social.

Sua arte foca na valorização e resistência da cultura negra, periférica e na luta contra o preconceito.

No cenário do Hip Hop curitibano, Tio Coringa é um dos integrantes da Mocambo, produtor de um som carregado de denúncia social e a realidade das ruas com composições que abordam a vivência periférica, o cotidiano da arquibancada que frequenta e a resistência política.

A Mocambo é considerada uma voz importante do rap local, conectando a arte com a prática do ativismo que exerce no dia a dia.

O apelido e a figura do Tio Coringa são icônicos no Estádio Couto Pereira. É reconhecido pela liderança nata e pela facilidade de transitar entre diferentes tribos urbanas, defende a ideia de que o futebol é uma ferramenta de transformação social e não apenas entretenimento.

Sujeito “papo-reto”, assertivo e direto, está sempre aberto a acolher os irmãos de caminhada, é orientador, conselheiro e acolhedor com aqueles que o respeitam, nessa obra não faltarão relatos de membros que tiveram suas vidas impactadas pelas conversas e direcionamentos que emite com cautela e humildade sempre mantendo a idoneidade e simplicidade que lhe é peculiar.

Enfim, não estaríamos aqui tendo essa conversa se não fosse pela ação criadora, geradora e transmutadora do nosso amado e querido Tio Coringa.

TRANSPosição: DO “UNDERGROUND” MUSICAL PARA AS ARQUIBANCADAS DO ALTO DA GLÓRIA

Para que entendamos a motivação da presente obra, precisamos conectar a espiritualidade da cultura Rastafari e o reggae ao concreto da arquibancada.

A palavra-chave aqui é transposição: como a vibe do reggae e a filosofia de Jáh deixaram de ser apenas um som em bares e casas noturnas para se tornarem um grito de identidade em um dos estádios mais tradicionais do sul do país, o Couto Pereira.

Curitiba sempre foi conhecida por suas manhãs de neblina e sua arquitetura europeia, mas, por baixo da superfície gélida da capital paranaense, um fogo ancestral sempre ardeu. Durante décadas, a cultura rastafari em Curitiba viveu no “underground”. Ela pulsava nos fundos de quintais, em pequenas casas de reggae e nas rodas de conversa de quem buscava na filosofia jamaicana uma resposta para a opressão da “Babilônia” urbana.

Era uma cena musical rica, mas contida. O reggae era o som da noite, o som do fone de ouvido, a mensagem compartilhada entre poucos. Mas a verdade de “I and I” não foi feita para ficar entre quatro paredes. Ela é como o vento, impossível de enclausurar.

A transposição para a arquibancada aconteceu quando o torcedor percebeu que o futebol, assim como a música, é uma linguagem de alma. O Couto Pereira não é apenas um lugar de disputa esportiva; é o território onde o povo se encontra. E foi ali, entre o verde e o branco do saudoso Coritiba, que a semente plantada por Marcus Garvey e regada por Bob Marley encontrou solo fértil.

A cultura rastafari saiu do gueto musical e subiu o Alto da Glória para dizer que a resistência contra a Babilônia, a paz e a elevação espiritual também têm lugar no cimento da arquibancada. Quando nosso fundador e líder Tio Coringa balançou a primeira bandeira da Coxa Rasta, a imagem de Bob Marley se misturou ao escudo do Coxa, o underground se tornou público.

A Coxa Rasta não nasceu apenas para torcer; nasceu para transformar o estádio em um quilombo moderno. Ela provou que a batida do reggae é a mesma batida do coração do torcedor. O que era uma cena musical “underground” em Curitiba rompeu divisas e inspirou uma onda verde e branca que invadiu o Couto Pereira, mostrando que a arquibancada é o palco onde a cultura Rastafari se manifesta em forma de grito, suor e fé.

Este livro é o registro desse encontro sagrado: do momento em que a guitarra deu lugar a bandeira e ao grito de uma torcida que nunca abandona sua razão de ser, o Coritiba.

Foi no jogo entre Juventude X Coritiba, realizado no dia 02 de novembro de 2022, válido pela 35ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A, com placar de 1 X 0 para o Coritiba, no estádio Alfredo Jacony, em Caxias do Sul (RS) que pela primeira vez a bandeira da Coxa Rasta foi vista, estavam lá para marcar presença os irmãos Diego e Pierre.

No jogo entre Coritiba X Flamengo no dia 06 de novembro de 2022 terminou com a vitória do Coritiba por 1 a 0. A partida foi válida pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A e pela primeira vez a bandeira foi vista dentro do estádio Couto Pereira, a casa do nosso Coritiba. Estavam presentes várias pessoas incluindo Tio Coringa.

Faz-se necessário registrar que a principal missão da família Coxa Rasta é ser um núcleo de resistência anti-preconceitos, lugar onde pretos, gays, lésbicas e transgêneros, pessoas de qualquer religião, filosofia ou crença e também as famílias possam desfrutar de uma arquibancada segura, tendo a garantia de estar entre pessoas interessadas em prestigiar o esporte e os esportistas em clima de paz dentro e fora dos estádios, a não violência guia nossa ideologia de inclusão e respeito e qualquer pessoa que esteja disposta a respeitar para ser respeitada será entre nós muito bem-vinda!

POR QUE A COXA RASTA NÃO DEMARCA TERRITÓRIO COM SANGUE?

Se você frequenta o estádio, já conhece a cena: “daqui pra lá é nosso”, “não entra com essa camisa no meu bairro”, “quem manda no asfalto é a gente”. Isso é o territorialismo. É uma lógica de guerra antiga, herdada de um pensamento colonial e violento, onde o valor de um torcedor é medido pelo espaço que ele “domina” na força bruta.

Para a alma violenta, o estádio e a cidade são tabuleiros de guerra e o foco não é o apoio ao time, mas a aniquilação simbólica (e às vezes física) do “outro”.

Posse vs. Presença

O Territorialismo é Prisão, ele te impede de circular, te obriga a olhar por cima do ombro e transforma a cidade em um campo minado. É a filosofia do “eu contra você”.

O Pacifismo é Libertação, a Coxa Rasta não quer brigar por um pedaço de calçada ou por um setor específico do estádio, nós não queremos dominar, mas sim elevar a vibração do espaço.

NOSSA IDEOLOGIA

Muita gente confunde pacifismo com passividade. Errado. O pacifismo da Rasta é revolucionário.

Nós nos recusamos a participar da engrenagem da violência porque entendemos aquele por vezes visto como “inimigo” é, na verdade, um irmão de classe, de “corre” e de paixão, apenas com uma cor diferente no peito.

O fundamento é simples: Se a gente gasta energia defendendo território com violência, não sobra energia para celebrar a vida e o Coritiba.

A ideologia Rasta quebra o muro do territorialismo porque nossa pátria é a paz e nosso território é onde houver um coração batendo em verde e branco. A gente não precisa marcar o chão com sangue para provar que é gigante; a gente marca a história com o exemplo.

Paz no estádio não é falta de grito; é excesso de consciência.

TORCIDA OU MOVIMENTO CULTURAL?

No universo das arquibancadas, as definições muitas vezes se misturam. Para o olhar apressado, qualquer grupo reunido sob uma bandeira é visto apenas como uma “torcida organizada”. No entanto, a Coxa Rasta nasceu com uma identidade distinta: somos um Movimento Cultural.

Essa diferenciação não nasce de um sentimento de superioridade, mas de uma amplitude de propósitos. As torcidas organizadas tradicionais — às quais nutrimos profundo respeito por sua história de apoio incondicional ao Coritiba — têm como foco central a performance na arquibancada e a logística do apoio ao time. É uma energia vital para o futebol.

A Coxa Rasta, por sua vez, entende a arquibancada como o seu território de propagação ideológica. Ser um movimento cultural significa que a nossa união é sustentada por uma filosofia de vida que não se encerra com o apito final do juiz.

Os Pilares do Nosso Movimento

A Ideologia como Norte: Enquanto a torcida organizada se une primordialmente pelo clube, o movimento cultural se une por uma visão de mundo. A base Rasta nos traz os conceitos de paz, união e resistência contra a “Babilônia” — o sistema que oprime e segrega. Isso influencia a conduta do membro na sociedade, no trabalho e na comunidade.

O Combate Intransigente ao Preconceito: Este é o coração do nosso movimento. Ser um Coxa Rasta é ser um agente ativo contra toda e qualquer forma de discriminação. Seja o racismo, o classismo ou a xenofobia, o movimento se posiciona como um escudo na arquibancada, garantindo que o Couto Pereira seja um espaço de acolhimento e respeito.

Consciência em Vez de Padronização: Onde a torcida busca o grito de guerra, o movimento busca a conscientização. Nosso objetivo é que cada integrante entenda o peso da camisa que carrega e a responsabilidade social de representar uma cultura que historicamente luta por justiça e igualdade.

Portanto, a Coxa Rasta e as torcidas tradicionais coexistem no Alto da Glória como galhos de uma mesma árvore alviverde. Enquanto as organizadas são o braço forte do apoio ao time, o Movimento Cultural busca oxigenar o estádio com consciência social. Somos, em essência, uma filosofia de resistência que veste verde e branco e não aceita o preconceito como parte do jogo.

A ANATORG E A DIGNIDADE DA ARQUIBANCADA

Para que a ideologia da Coxa Rasta pudesse ecoar além dos portões do Couto Pereira, foi preciso unir vozes com quem compartilha da mesma luta em solo brasileiro. É impossível falar de resistência e organização sem mencionar a ANATORG (Associação Nacional das Torcidas Organizadas).

Se a Coxa Rasta é o nosso “Quilombo no Alto da Glória”, a ANATORG é a nossa confederação.

Desmistificar o Mito

Durante décadas, a “Babilônia” — aqui representada por setores da grande mídia e do sistema punitivo — construiu um estigma cruel: o de que o torcedor organizado é, por definição, um marginal ou um vagabundo. Essa narrativa serve para “higienizar” os estádios e afastar as massas populares, transformando o futebol em um produto de elite.

A ANATORG surge como o escudo institucional contra esse preconceito. Sua atuação é fundamental para mostrar que a violência não é um produto exclusivo do futebol, mas um reflexo das desigualdades estruturais da nossa sociedade. A violência que acontece no estádio é a mesma que acontece na esquina, no trânsito e dentro de casa. Culpar apenas a camisa de uma organizada é um erro de leitura — ou, muitas vezes, uma estratégia de silenciamento.

Função Social e o Torcedor Cidadão

A ANATORG atua como um farol de consciência, promovendo:

1- A Quebra do Estigma:

Provando que atrás de cada bandeira há um pai de família, uma professora, um trabalhador da construção civil, um estudante. Somos a força produtiva do país que escolhe a arquibancada como seu palco de celebração.

2 - O Torcedor como Sujeito de Direitos:

Lutando contra leis arbitrárias que punem o coletivo pelo erro individual e defendendo o direito à festa — o direito de levar o bumbo, a bandeira e o bandeirão.

3 - Articulação e Diálogo: Servindo de ponte entre as torcidas e o Ministério Público, as Polícias Militares e os clubes, trocando o confronto pelo diálogo construtivo.

O Grito Pela Paz em Escala Nacional

Quando a Coxa Rasta se alinha aos princípios da ANATORG, ela reafirma que nosso desejo de paz não é utopia de um grupo pequeno, mas uma demanda nacional. A Associação trabalha arduamente para que o torcedor deixe de ser visto como um “problema de polícia” e passe a ser reconhecido como um “patrimônio cultural”.

Entendemos que ser organizado é, acima de tudo, ser consciente. E através dessa união nacional, seguimos combatendo o racismo, a homofobia e a intolerância, provando que a verdadeira força de uma torcida não está no punho cerrado para a briga, mas na mão estendida para a união.

IRMÃOS DE FÉ E DE ARQUIBANCADA: A CORRENTE RASTA NO BRASIL

A Coxa Rasta não é um grito solitário. Somos parte de uma tendência nacional que recusa a lógica da guerra e abraça a cultura da paz. Em cada canto do Brasil a filosofia e cultura Rastafari encontrou um escudo diferente para proteger, provando que a paz no esporte pode ser o início de uma “Cura para as Nações” como afirma o professor e sociólogo André Albuquerque, por que não começar a cura pelos estádios?

Nesta obra, prestigiamos os movimentos que, assim como nós, transformam o cimento em solo sagrado:

Jah Juve (Juventus-SP)

Rasta do Vitória(Vitória-BA)

Coxa Rasta (Coritiba-PR)

Rasta Tricolor (Paraná-PR)

Cuiaroots. (Cuiaba-MS)

Tufão Rasta (São Raimundo-AM)

Rasta Tricolor (Bahia-BA)

Azulão Rasta (CSA-AL)

Rasta Fogo (Botafogo-RJ)

Rasta Alvinegra (Atletico-MG)

Bobicolor (Paysandu-PA)

Coral Reggae (Santa Cruz-PE)

Rasta Tricolor (Friburguense-RJ)

Rasta do Ceará (Ceará-CE)

Rasta do Vasco (Vasco-RJ)

Timbu Raiz (Náutico-PE)

Rasta Alviverde (Palmeiras-SP)

ABC Reggae (ABC-SP)

Rasta Esmeraldina (Goiás-GO)

Comando Rasta (Sport-PE)

Tricolor de Jah (Fluminense-RJ)

Rasta do Grêmio (Grêmio-RS)

Rasta JEC (Joinville-SC)

Comando Rasta (Cruzeiro-MG)

Roots 1931(Botafogo-PB)

Alviroots(America-RN)

Remo Roots (Remo-PA)

Amazonas Roots(Amazonas- AM)

Bobgueira (Figueirense-SC)

Central rasta (Central)

Flaroots(Flamengo-RJ)

Movimento reggatas(CRB-AL)

Rasta do Avaí (Avaí-SC)

Rasta do Gama(Gama-DF)

A Grande Aldeia Alviverde

Embora cada grupo defenda suas cores, todos falamos a mesma língua: a língua do “One Love”. Não importa se o bumbo bate em Curitiba, Belém ou Salvador; o ritmo é o da tolerância. Essa rede nacional é o que garante que o torcedor seja visto como um cidadão de bem, um artista da festa e um agente de transformação social.

A todos os irmãos dessas torcidas: a Coxa Rasta os saúda! Nossa pátria é a paz e nosso território é onde houver um coração batendo sob o manto do time.

VOZES E VIVÊNCIAS

A ALMA DA COXA RASTA

As arquibancadas são feitas de concreto, mas o que as faz pulsar é a vida de cada integrante que ali deposita seu suor e sua voz. Mais do que um coletivo sob uma bandeira, a Coxa Rasta é um mosaico de histórias individuais, cada uma com sua própria cadência, seus próprios desafios e sua paixão singular pelo Coritiba.

Neste capítulo, abrimos espaço para o que há de mais valioso em nossa trajetória: o relato humano. Decidimos deixar que os próprios protagonistas falassem. Por meio de uma série de entrevistas, mergulhamos nas memórias de quem carrega o Alviverde no peito e o ritmo do reggae no passo. São histórias que revelam como a vida pessoal se entrelaça com a rotina do estádio, as amizades forjadas no asfalto e a resistência de quem escolheu um jeito diferente de torcer.

Cada depoimento que você lerá a seguir é um fragmento essencial dessa construção. São vozes que dão rosto à nossa identidade e que mostram que, por trás de cada camisa verde e branca, existe um universo de experiências que merecem ser registradas. É no detalhe de cada fala e na emoção de cada lembrança que a verdadeira história da Coxa Rasta se revela.

Com a palavra, alguns dos membros que dão vida ao nosso movimento:

“Frequento o Couto Pereira desde o ventre de minha mãe.”

Sou Maria Eduarda, 19 anos, professora e decidi entrar na Coxa Rasta depois de conhecer a ideologia do Movimento e perceber como era o tratamento entre os membros, queria entregar ao Coritiba algo mais que a minha presença, fui adotada e hoje sou uma das bandeiras da Resistência Feminina, vou permanecer por aqui pois o Movimento prega a paz, um excelente valor a ser cultivado dentro e fora dos estádios.

Defino Tio Coringa em uma palavra: Destemido. Ele veio de baixo, não desiste nunca do que quer mas também não deixa ninguém para trás, é tipo um paizão pra nós.

Quero que crescamos, ter nossa sede, fazer eventos e dar espaço para o reconhecimento da cultura Rasta.

“Escolhi a Coxa Rasta por causa da ideologia limpa e pura”

Sou Alexandre Baptista, 46 anos e comecei a me aproximar do movimento comprando as camisetas mas já torço pelo Coxa desde 1987, vinha ao estádio com meu avô e meu primeiro jogo foi Coritiba X Pinheiros, gosto de estar aqui nessa atmosfera genuinamente pacificadora com a galera, misturando meu gosto por reggae, Bob Marley ao amor que sinto pelo Coritiba.

“A Coxa Rasta carrega identidade, expressão e posicionamento sem violência mas com muita firmeza e orgulho.”

Sou Reversion Murilo, 36 anos e meu primeiro jogo foi em 1994, Coritiba X Rio Branco e foi 5X2 pro Verdão e a Coxa Rasta fez sentido a medida em que me casei, sou pai e ter uma família muda nossa visão em tudo. Ser da Coxa Rasta é representar uma cultura de paz e inclusão, fortalecer laços e transformar a arquibancada em um espaço de positividade e esse propósito é coletivo, compartilhado por todos nós do Movimento.

O Tio coringa tem um ideal fora do comum, é um ótimo exemplo pra molecada e pra todos nós integrantes, fundar um Movimento e colocar no patamar que está não é pra qualquer um, ele também conta com uma diretoria excelente.

Que nosso Movimento vá além do futebol, que seja símbolo de união, consciência e resistência positiva, que a gente possa transformar vidas através da cultura e da força da nossa identidade.

“A minha emoção mais marcante foi a estreia do nosso bandeirão no Atletiba.”

Sou Felipe Wosh e sou coxa branca de berço, torço desde o nascimento e com muito orgulho faço parte do time de material, meu trabalho é braçal mas também mental e o nosso ideal de paz, liberdade e igualdade é o que me guia. Nós já

chegamos onde nem imaginávamos e é por isso que nossa tendência é crescer cada vez mais, acredite quando eu digo que seremos conhecidos internacionalmente, se já não formos.

“Em um mundo onde ninguém é igual, quem respeita e sabe acolher as diferenças tem um grande diferencial.”

Meu nome é Mateus Moura, tenho 28 anos e entrei pra Rasta porque nunca quis ir pra pista, faço parte do time de materiais e a minha maior emoção foi o primeiro jogo que levei meu filho na Rasta, ver a alegria dele cantando, pulando e fazendo folia, eu sabia que estávamos num lugar seguro e felizes, procuro disseminar nossa ideologia e cultura, e percebo que ainda existe muito preconceito quanto ao nosso Movimento.

Desejo uma sociedade mais livre, igualitária e a tão sonhada paz e é nessa hora que entra em cena os nossos trabalhos sociais, creio que ainda possamos divulgar melhor, informar as pessoas sobre o caráter e a essência do nosso Movimento

“Antes de qualquer coisa me chamou a atenção a vestimenta muito bonita e representativa.”

Eu sou o Tchitcho, tenho 27 anos e sou recém chegado, curto futebol raiz, meu foco central é a ideologia de paz, somos um movimento “canábico” e meu maior barato é fazer muita fumaça junto com galera durante os jogos, sou apaixonado pelo Coritiba e pela ganja que já passou da hora de ser descriminalizada.

“No aniversário do meu sobrinho levei ele ao Couto Pereira pela primeira vez, toda a Coxa Rasta cantou Parabéns pra ele, foi algo marcante e muito emocionante.”

Sou Diego Fragoso, o Presunto, Diretor da Coxa Rasta e nasci coxa branca. Nosso Movimento não busca quantidade e sim qualidade, pessoas que realmente vistam a camisa e entendam a verdadeira ideologia do Movimento. A família está aumentando e várias pessoas comprando nossos materiais, nossa meta mais audaciosa para o futuro é ter nossa própria sede.

“Eu já curtia o rapp da banda Mocambo e conhecia o Tio Coringa como artista, minha surpresa maior foi anos depois descobrir que ele também era fundador do Movimento para o qual eu estava entrando.”

Sou Gabriel Loureiro, tenho 38 anos e quem me trouxe pra Rasta foi o Diretor, Presunto, quando ele me apresentou o projeto da primeira camiseta da Coxa Rasta não tive dúvidas de que era ali o meu lugar; vi na Rasta o reflexo de minhas crenças pessoais, ideias unidas as minhas preferências musicais, a galera é positiva, gente da paz mesmo.

No início erámos quatro ou cinco, conquistamos nosso espaço, progredimos e quebramos barreiras.

O Tio Coringa é um cara aberto, aceita ideias e permite a participação igualitárias entre os membros.

“Comprei a primeira camiseta da Coxa Rasta, 2023 foi um ano difícil, subimos pra série A mas o time não se firmou mas o acontecimento mais marcante foi o aniversário de um ano do Movimento.”

Sou André Folloni, tenho 50 anos, sou professor, torço para o Coritiba desde criança e a mensagem de paz no futebol é o maior fator de identificação, junto com os valores do reggae, da igualdade e da liberdade. É muito bom ter uma torcida que se preocupa em manter uma cultura de paz e de amizade. Sempre que posso eu compro materiais e faço doações para as ações sociais promovidas pela Rasta. Admiro o trabalho do Tio Coringa e confio que o Movimento está em ótimas mãos.

“Toda família do meu pai é coxa branca e me passaram esse manto, coleciono camisetas do Coritiba e das torcidas.”

Sou Dérick Cavalli, tenho 18 anos, pregamos a não violência, a aceitação da diversidade e tenho profunda identificação com a paz do setor no qual ficamos, desejo a expansão do nosso Movimento, a onda Rasta já está rodando as arquibancadas de todo Brasil.

“Minha namorada, primo e amigos já faziam parte do Movimento, mas eu decidi entrar porque me identifico completamente com a ideologia da Rasta”

Sou Evelin França, tenho 19 anos, assistente de logística e sou coxa branca desde que me conheço por gente. Estou na Rasta há um ano e meio, teve um jogo em que cantamos pelas ruas com a nossa faixa esticada e as bandeiras balançando junto com a fumaça verde, me senti em família, havia uma energia surreal e uma atmosfera de paz e amor mas era extremamente vibrante, foi incrível. Eu trabalho no setor de materiais, ajudo em tudo que precisar e considero o tio coringa um exemplo, alguém que sempre está presente a nos ajudar.

“Eu vi a Coxa Rasta nascer, aqui estou e vou permanecer”

Sou Pierre Junot, 42 anos, professor e vice-presidente do nosso Movimento. Eu já tinha ideias sobre uma torcida Rasta para o Coritiba e quando conheci o Tio Coringa pelas redes sociais vi que a coisa já havia tomado forma e me identifiquei. A ideologia e objetivos de propagação da paz coincidiam e minha adesão foi automática.

Atualmente estou à frente da Coxa Rasta Goiânia contribuindo na parte logística e administrativa do grupo. Queremos levar o ideal da Rasta para todos estádios do país e conviver pacificamente com todas as torcidas, que tenhamos nossa própria sede e cada vez mais integrantes que se identifiquem e se comprometam com a ideologia do movimento na forma de conduta prática.

“Comecei a assistir os jogos no terceiro anel, conheci a galera do Movimento, virei sócio e nunca perdi nenhuma festa da Coxa Rasta.”

Sou Paulo Dagostin Filho, tenho 41 anos, sou servidor público e há 3 anos faço parte da Coxa Rasta. O que me conectou ao movimento vai muito além do futebol, é a ideologia de paz dentro e fora dos estádios, a união e as amizades que nascem no calor da arquibancada.

Hoje me sinto em casa. Tanto que já trouxe amigos para viver isso também. E entre tantas experiências marcantes, duas ficam gravadas na memória: bandeirar durante o jogo e a caravana para Florianópolis, no jogo contra o Avaí, na Ressacada, a primeira viagem com a Rasta.

Vejo um trabalho sério, feito com paixão e propósito. E não tenho dúvidas, a torcida está no caminho certo pra se tornar a maior Rasta do país.”

“As pessoas que usam nossa camisa precisam entender seu real significado e ter uma atitude e comportamento social condizente com nossos princípios ideológicos.”

Sou Fabiano Sheibe, 15 anos, cozinheiro de profissão e coxa branca de coração, desde pequeno meu pai me levava para assistir os jogos do Coritiba e eu adorava. Meu maior orgulho é fazer parte do time de materiais do movimento, já vivi momentos de tanta emoção que é até difícil traduzir em palavras, só posso dizer que pra mim bandeirar é uma sensação única, cuidamos de cada peça, bandeira e faixa com amor e carinho.

Como todos, quero que nosso movimento cresça mas como diz Tio Coringa, prezamos muito mais pela qualidade do que quantidade, por isso precisamos que as pessoas que usam nossa camisa entendam o real significado da nossa ideologia e entendam que se o comportamento social dentro e fora dos estádios não refletir a mensagem do movimento caímos em mera hipocrisia.

A ARQUIBANCADA COMO EXTENSÃO DO LAR: O PORTO SEGURO DAS FAMÍLIAS

O futebol, em sua essência mais pura, é um rito de passagem. É a mão do pai conduzindo o filho pelo corredor de concreto que desemboca no clarão verde do gramado; é o abraço da esposa no gol que descarrega a tensão da semana; é a continuidade de um sobrenome que se funde às cores do Coritiba Football Club. Para o Movimento Cultural Coxa Rasta, a preservação dessa linhagem é sagrada.

Entendemos que a “família tradicional”, aquela que busca no Alto da Glória um momento de lazer, comunhão e alegria, não é apenas uma parte do estádio, mas o próprio alicerce que mantém viva a tradição alviverde. No entanto, sabemos que, para muitos pais e mães, o desejo de estar presente muitas vezes esbarra na hesitação. Surge a pergunta silenciosa: “O ambiente será seguro para os meus filhos?”

A Ética do Respeito e o “Ar da Convivência”

Nossa resposta a essa pergunta não é feita de grades ou repressão, mas de postura. A Coxa Rasta não se coloca em oposição a nenhuma outra forma de torcer; respeitamos o ecossistema vibrante e pulsante das nossas arquibancadas, contudo, escolhemos cultivar um espaço de temperança.

Acreditamos que o respeito ao próximo começa pelo ar que compartilhamos. Zelamos por uma atmosfera “good-vibes”, onde a euforia do gol e o aroma presente é o da festa popular. Para nós, a liberdade de um termina onde começa o bem-estar do outro, especialmente quando esse “outro” é uma criança ou um idoso.

Prezamos por um ambiente de diversidade visual e sensorial. Quem se aproxima do nosso movimento encontra um território de vizinhança amiga, onde o olhar atento não é de vigilância, mas de cuidado comunitário. Queremos que o pai de família sinta que, ao nosso lado, ele não precisa estar em estado de alerta. Ele pode, enfim, ser apenas um torcedor.

A Paz como Garantia de Presença

A paz que a Coxa Rasta prega é prática. Ela se traduz na tranquilidade de saber que o palavrão dará lugar ao canto, e que a agressividade será substituída pela celebração da cultura. Quando dizemos que somos um movimento inclusivo, incluímos com honra aqueles que guardam os valores da família e que desejam transmitir o amor pelo Coxa em um ambiente de absoluta serenidade.

No território da Coxa Rasta, a tradição familiar encontra o seu refúgio. Porque entendemos que o Couto Pereira não deve ser um campo de batalha, mas a varanda da nossa casa coletiva.

A Luta Anti-Racista na Arquibancada

A Babilônia se manifesta de muitas formas, mas nenhuma é tão vil e persistente quanto o racismo. Embora o futebol seja, em sua essência, um esporte de matriz popular, as estruturas que o cercam ainda tentam, violentamente, expelir ou humilhar aqueles que carregam o tom da terra na pele.

Nos estádios do mundo todo, a cena se repete como um pesadelo crônico. Vimos o mundo se chocar com os ataques sistemáticos ao brasileiro Vinícius Júnior na Espanha, onde estádios inteiros ecoaram cânticos desumanos. No Brasil, a realidade não é menos dura. Lembramos com dor do caso do goleiro Aranha, em 2014, insultado em Porto Alegre, ou mais recentemente, os inúmeros episódios em competições continentais onde torcedores adversários imitam macacos ou atiram cascas de banana contra brasileiros.

Esses não são “fatos isolados”. São crimes. É a tentativa de transformar o solo sagrado do esporte em um tribunal de exclusão. E é exatamente aqui que a existência da Coxa Rasta se justifica e se torna uma urgência histórica.

O VERDE E BRANCO COMO ESCUDO DE RESISTÊNCIA

Diferente de outros movimentos rasta pelo mundo, a nossa identidade visual é sagrada, somos verde e branco. Abrimos mão do vermelho e amarelo da bandeira etíope para honrar as cores do Coritiba Foot Ball Club, provando que a filosofia Rastafari se adapta e respeita a paixão clubística. Nossa identidade não precisa de outras cores para ser forte; o branco da paz e o verde da esperança são o nosso estandarte.

Nossas bandeiras carregam a face de Bob Marley, ele é o nosso ícone, o homem que levou a mensagem de igualdade para os quatro cantos do planeta. Ter o rosto de Bob tremulando no Couto Pereira é um recado direto: aqui é um local de respeito mútuo.

A Denúncia como Dever: Não aceitamos o silêncio. Para o Movimento Cultural Coxa Rasta, “não ser racista” é pouco; é preciso ser anti-racista. Isso significa confrontar a injúria, acolher a vítima e exigir que as autoridades e os clubes não se omitam diante de atos discriminatórios.

A Reexistência no Alto da Glória: Historicamente, o poder capital sempre tenta segregar as arquibancadas, tornando-as lugares de elite onde o povo preto seja apenas o espetáculo, nunca o protagonista e espectador. Nossa presença subverte essa lógica. Somos professores, trabalhadores e pais que ocupam o cimento do estádio com a face de Bob Marley e a alma Alviverde.

A Consciência Rasta no Futebol: O racismo no esporte é o reflexo de uma sociedade que ainda não se curou de suas feridas coloniais. Nós trazemos o “reggae-consciência” para educar através do exemplo. Onde houver um membro da Coxa Rasta, o racismo não encontrará solo fértil para crescer.

Um Convite à Resistência

A luta anti-racista da Coxa Rasta é um convite aberto. Se você se indigna ao ver um atleta ou torcedor ser insultado pela cor de sua pele, se você não suporta o silêncio cúmplice diante do preconceito, seu lugar é ao nosso lado, sob o olhar atento da nossa bandeira ideológica e a vibração positiva da nossa família.

Nós não demarcamos território com violência, mas o protegemos com nossa postura firme. Ser Coxa Rasta é entender que o Coritiba é gigante porque é plural. É saber que a verdadeira beleza do estádio está na mistura de quem, unido pelo amor ao Coxa, canta em uma só vibração de paz.

Convidamos você, leitor, a ser parte desta resistência. Que a única distinção no futebol seja o talento em campo, pois a arquibancada exige dignidade para todos. Racismo no futebol é crime. Na Coxa Rasta, é inadmissível.

O COMBATE À HOMOFOBIA E A LINGUAGEM DA EXCLUSÃO

O estádio de futebol é, historicamente, um dos ambientes mais conservadores e hostis para a comunidade LGBTQIA+. Sob o pretexto da “emoção do jogo”, consolidou-se uma cultura onde o insulto homofóbico é utilizado como ferramenta de desestabilização do adversário. No entanto, para a Coxa Rasta, o grito que ecoa na arquibancada não pode ser o mesmo que fere a existência de um irmão de camisa.

A Estrutura do Preconceito na Linguagem

A homofobia nos estádios raramente se manifesta apenas em agressões físicas; ela vive, principalmente, nas nuances da linguagem. Existem três pilares que perpetuam esse caráter excludente:

A Feminização como Ofensa: O uso de termos femininos ou pejorativos ligados ao universo homossexual para diminuir o jogador ou a torcida adversária. Isso reforça a ideia machista de que o “feminino” ou o “afetivo” é sinônimo de fraqueza, incapacidade ou covardia.

O “Humor” de Arquibancada: Piadas e cânticos que ridicularizam identidades de gênero e orientações sexuais. Tratar a existência de alguém como “alívio cômico” é uma forma agressiva de desumanização.

O Silenciamento: A postura de que “no estádio vale tudo” ou que “é apenas parte do folclore”. Esse discurso é o que permite que torcedores LGBTQIA+ se sintam estrangeiros dentro da própria casa, forçando-os a esconder quem são para poder torcer em segurança.

O Impacto da Ofensa “Invisível”

Muitas vezes, o torcedor comum reproduz termos sem refletir sobre sua origem. Expressões que questionam a masculinidade do outro ou utilizam termos depreciativos para se referir a homossexuais não são apenas “gritos de guerra”; são barreiras.

Quando um setor da arquibancada entoia um coro homofóbico, ele está dizendo para o torcedor ao lado — que pode ser um jovem descobrindo sua identidade ou um pai de família homossexual — que ele não é bem-vindo ali. A exclusão gera o afastamento, e o afastamento enfraquece a coletividade do clube.

Coxa Rasta: O Antídoto ao Preconceito

A luta da Coxa Rasta ganha ainda mais sentido quando encaramos esses fatos. Ser um movimento inspirado na filosofia de paz, amor e união exige o combate frontal a qualquer forma de opressão.

Educação em vez de Punição: O papel do movimento é conscientizar o torcedor de que o apoio ao Coritiba não depende do ódio ao próximo.

Acolhimento: Mostrar que a bandeira da Coxa Rasta é um porto seguro. Na nossa arquibancada, o que define o valor de um torcedor é o seu amor pelo Alviverde, independentemente de quem ele ama ou de como ele se identifica.

“Um estádio só é verdadeiramente gigante quando cabe todo mundo. Combater a homofobia não é sobre ‘politicamente correto’, é sobre dignidade humana e sobre garantir que o Couto Pereira seja, de fato, o lar de todos os coxas-brancas.”

ARQUIBANCADA FEMININA: O DIREITO AO ESPAÇO E O FIM DO ASSÉDIO

O estádio de futebol, por décadas, foi vendido como um reduto exclusivamente masculino. Hoje, essa realidade mudou drasticamente: as mulheres ocupam as arquibancadas, as cadeiras, os gramados e as diretorias. No entanto, a mentalidade de alguns frequentadores ainda está presa a um passado de opressão. Para a Coxa Rasta, a luta por um ambiente anti-preconceito passa, obrigatoriamente, pelo combate ao assédio e pela garantia de que toda coxa-branca possa torcer com dignidade e segurança.

A Realidade do “Corpo Alvo”

Infelizmente, o cotidiano de muitas torcedoras ainda é marcado pela vigilância constante. O simples ato de ir ao banheiro, buscar uma bebida ou caminhar sozinha pelos arredores do Couto Pereira torna-se uma operação de risco.

O assédio se manifesta de formas que muitos homens fingem não ver:

A abordagem intimidadora: Homens que se sentem no direito de barrar a passagem, cercar ou forçar uma conversa indesejada.

O toque invasivo: A mão no cabelo, no braço ou na cintura sob o pretexto de “pedir licença” ou “festejar um gol”.

O uso do álcool como escudo: A embriaguez nunca será justificativa para a grosseria ou para o crime. O álcool não cria o assediador; ele apenas revela a falta de caráter de quem não sabe respeitar limites.

“Respeita as Mina”

Mais que um Slogan, uma Conduta

A campanha “Respeita as Mina” surgiu como um grito de basta. Ela não é um pedido de “proteção” às mulheres, mas sim uma exigência de respeito à autonomia. No contexto da Coxa Rasta, abraçamos essa causa para reafirmar que:

Não é Não: Em qualquer lugar, sob qualquer circunstância. Se ela não deu abertura, qualquer aproximação é invasão.

Lugar de Mulher é onde ela quiser: Sozinha, em grupo, com a família ou com as amigas. A segurança dela não deve depender da presença de um acompanhante masculino.

A Roupas não é Convite: O estilo, o adereço ou a camisa do clube que ela veste são expressões de sua identidade e paixão pelo Coxa, jamais uma autorização para comentários libidinosos.

O Papel do Homem e da Coletividade

O combate ao assédio não é uma tarefa apenas das mulheres; é, sobretudo, um dever dos homens. A omissão é uma forma de conivência. Quando um torcedor presencia um ato de desrespeito e se cala, ele está validando o agressor.

Ser Coxa Rasta é entender que a nossa comunidade funciona como uma rede de apoio. Se uma torcedora se sente vulnerável, o movimento deve ser o primeiro a se posicionar, a acolher e a reprimir a postura do mau intencionado. O estádio deve ser um lugar de festa, não de medo.

“A beleza da arquibancada está na sua diversidade. Respeitar as mulheres é honrar a história das nossas mães, filhas e companheiras que fazem o Coritiba ser o que é. No Alto da Glória, o único assédio permitido é o da paixão pelo nosso clube.”

ENTREVISTA IMPÉRIO ALVIVERDE

Pedir a participação da Império Alviverde (IAV) não é apenas um sinal de respeito à história, mas uma estratégia vital para a pacificação que o nosso livro propõe. Como eles detêm o ritmo e o comando da arquibancada desde 1977, trazê-los para dentro da obra valida a Coxa Rasta como uma aliada estratégica, e não como uma dissidência.

Estamos aqui com Renan de Paula, liderança da Império Alviverde, a maior e mais tradicional torcida do nosso Coritiba, para entender como essa força monumental enxerga os novos movimentos culturais que somam na arquibancada.

A Herança de 1977

A Império é a guardiã dos cânticos e do ritmo que empurra o Coxa há décadas. Como vocês definem a responsabilidade de ser a “voz principal” que dita o pulsar do Couto Pereira?

R: Vejo como uma imensa responsabilidade, pois a atmosfera do Couto depende 100% do nosso movimento!

O Ecossistema da Arquibancada

O Coritiba possui uma pluralidade de torcedores. Na visão da IAV, como a convivência entre diferentes grupos como a Coxa Rasta fortalece a identidade do clube?

R: Mostra o tamanho e a grandeza da nossa torcida como um todo, desde que tais grupos possuam um propósito verdadeiro e uma identidade original, vide a Coxa Rasta, do contrário, não faz sentido.

Visão sobre a Coxa Rasta

Como a IAV recebeu o surgimento de um movimento que une a cultura Reggae e a paz à paixão alviverde? Qual foi a primeira impressão de vocês?

R: É um grande movimento, existente dentro das torcidas de diversos clubes, com identidade e propósito específico. Impressão positiva desde o primeiro momento, vide o processo e as pessoas que puxaram o movimento.

Harmonia e Colaboração

Dentro do estádio, a Império detém a primazia dos instrumentos. Como vocês enxergam o papel da Coxa Rasta no apoio aos cânticos que a IAV puxa?

R: Importante, assim como a participação de todos os demais torcedores. Quem dita o ritmo na arquibancada do Couto Pereira é a Bateria da IAV, mas a participação do todo é fundamental.

Cultura de Paz

O livro da Coxa Rasta foca muito na paz no futebol. Como a Império, sendo a maior força organizada, trabalha esse conceito para garantir que o estádio continue sendo um lugar de festa para todos?

R: Em nossa casa, prezamos pelo respeito, principalmente para com os mais idosos e as mulheres, ensinar para as nossas crianças o que é amar o Coritiba, e a cultura pela celebração da comunidade coxa branca.

Respeito à Tradição

Muitos integrantes da Coxa Rasta cresceram dentro da Império ou sob sua influência. Como vocês veem essa “passagem de bastão” cultural entre gerações de torcedores?

R: Fundamental, para que se mantenham as raízes, preservando a tradição, identidade e ideologia com o passar das gerações.

Inclusividade e Família

O movimento rasta preza muito pelo ambiente “good-vibes” para atrair famílias. Como a Império enxerga essa soma de esforços para trazer o público tradicional de volta com segurança?

R: De extrema importância, as crianças de hoje são o futuro da nossa torcida!

Protagonismo e União

Mesmo com estilos diferentes, o objetivo final é o Coritiba. Como manter a união entre as torcidas em momentos difíceis do clube, garantindo que o foco seja sempre o apoio incondicional?

R: Diálogo, a influência da IAV sempre vai ser fundamental no direcionamento das ações, mesmo assim, o diálogo é fundamental para o alinhamento das idéias, garantindo sempre o melhor para o Coritiba.

O Futuro do Couto

Como vocês imaginam a arquibancada do Coritiba daqui a 10 anos? Existe espaço para mais movimentos que, assim como a Coxa Rasta, busquem nichos culturais específicos sob a bandeira da IAV?

R: O movimento Rasta é muito específico, na minha opinião, não vejo espaço para mais. Vejo o cenário atual porém em proporções maiores e ainda mais estruturados.

Mensagem à Nação Alviverde

Que recado a liderança da Império deixa para os membros da Coxa Rasta e para todos os torcedores que acreditam que o respeito entre grupos é o caminho para um Coritiba cada vez mais forte?

R: Coxa Rasta é IAV, é a ala reggae do Duende hahaha, em um dos momentos mais difíceis da torcida, foram fundamentais para que a arquibancada do Couto Pereira seguisse pulsando, com o único propósito de apoiar o Coritiba,

quebrando barreiras e restrições impostas pelo sistema. É sobre isso, cultura de arquibancada Coritibana!

SALVE COXA RASTA!

COM A PALAVRA : TIO CORINGA

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE-FUNDADOR



Para que um Movimento mude a estética de uma arquibancada e desafie o status quo de como se torce em Curitiba, é preciso mais do que uma ideia: é preciso uma fundação sólida. E, no caso da Coxa Rasta, essa base tem nome, voz e uma visão clara.

Neste capítulo, mergulhamos no pensamento de Jean Carlos, conhecido por todos como Tio Coringa.

Como sócio-fundador e Presidente, ele é o arquiteto que uniu a paixão alviverde à filosofia de paz e resistência do rapp e do reggae. Mais do que liderar uma torcida, Tio Coringa coordena um movimento cultural que sobrevive à margem dos preconceitos, fincando a bandeira da paz no concreto do Couto Pereira.

Nesta conversa franca e profunda, exploramos os bastidores desses primeiros quatro anos de caminhada. Deixamos de lado os cânticos por um momento para entender a estratégia, as provações e a ideologia por trás de cada bandeira

erguida na arquibancada pela Rasta. Aqui, o “verbo” é sagaz e direto, refletindo a experiência de quem sabe que a arquibancada é, antes de tudo, um território de disputa social e afirmação de identidade.

Acompanhe, a seguir, as definições de quem não apenas fundou uma torcida, mas plantou uma semente de revolução cultural no coração do Coritiba.

Tio Coringa, olhando para trás nesses 4 anos, qual foi o exato, o momento de “eureka”, em que você percebeu que o Coritiba precisava de um movimento com a estética e a ideologia da Coxa Rasta, e não apenas de mais uma torcida organizada tradicional?”

Em momentos de reflexão sobre o que o futebol também representa fora do campo.

O Coritiba precisava de um movimento que trouxesse estética, cultura, posicionamento, que falasse de igualdade, de resistência, de inclusão. Algo que conectasse a torcida com um estilo de vida, com uma visão de mundo.

A Coxa Rasta nasce daí: não só pra torcer, mas pra representar. Pra mostrar que arquibancada também é espaço de expressão cultural, de consciência social, de transformação dos mais variados gêneros”.

Como você define a “mística” que une o verde e branco do Coritiba à filosofia rasta e à cultura de rua? Onde esses mundos, que para muitos parecem distantes, se encontram dentro de você?”

A cultura de rua é o chão disso tudo. É onde a vida acontece de verdade, onde a arte, a dor e a alegria se misturam. É ali que a gente aprende a resistir, a se expressar e a se reconhecer no outro.

Por fazer parte da Cultura HIP HOP há mais de 3 décadas e ser um pesquisador multicultural, entendo que os mundos se encontram justamente nisso, na busca por identidade e propósito. Não é só futebol, não é só estética, não é só ideologia, é vivência!

É entender que a arquibancada pode ser mais do que apoio, pode ser voz e cultura de transformação, assim como os diversos movimentos culturais que existem.

Ser o “Presidente-fundador” de um movimento que carrega o nome “Rasta” exige uma postura diferenciada. Como você equilibra a responsabilidade de liderar na arquibancada com o respeito aos preceitos de paz e união que o termo sugere?”

Carregar o nome Rasta é, antes de tudo, entender que liderança não é sobre imposição, é sobre exemplo. A arquibancada tem intensidade, cria caráter e isso faz parte do futebol. Mas a diferença está em como essa energia é direcionada.

Eu procuro equilibrar isso trazendo consciência pra dentro do movimento. A gente pode cantar, vibrar, se posicionar mas sem perder o respeito, sem cruzar limites que vão contra aquilo que a gente acredita: LIBERDADE, IGUALDADE E PAZ.

Ser presidente-fundador é ter responsabilidade dobrada. Não só de organizar, mas de educar pelo comportamento.

No fim não é sobre ser passivo (NOS DEFENDEREMOS SEMPRE QUE FOR PRECISO) é sobre ser consciente, É transformar a força da arquibancada em algo positivo e que represente o Coritiba Foot Ball Club dentro e fora do estádio.

As torcidas são frequentemente marginalizadas e lidas de forma simplista pela mídia. Para você, a Coxa Rasta é uma ferramenta de resistência política? Como o movimento atua para quebrar o estereótipo do “torcedor perigoso”?

Sim, de certa forma é uma ferramenta de resistência, mas não no sentido partidário, e sim social e cultural. A Coxa Rasta nasce justamente pra ocupar um espaço que sempre foi rotulado dessa forma.

A gente quebra esse estereótipo com atitude: promovendo ações culturais, levantando pautas como igualdade e respeito e principalmente, mostrando que é possível torcer com consciência.

Quando a gente ocupa a arquibancada com propósito, o rótulo começa a perder força porque a prática fala mais alto que qualquer narrativa

De que forma a Coxa Rasta consegue dar voz e pertencimento a membros que, muitas vezes, são invisibilizados pela sociedade fora dos portões do Couto Pereira?

Dar voz é isso: não é falar por ninguém, é criar espaço pra que cada um se expresse. E quando isso acontece, o pertencimento vem junto porque a pessoa se reconhece ali, e sabe que aquele lugar também é dele.

A conexão com a arte de rua (grafite, música, lifestyle é nítida no movimento. Você acredita que a estética “marginal” (no sentido de estar à margem) é o que protege a essência da torcida de se tornar meramente comercial?

A Coxa Rasta nasce da verdade, da rua, da vivência, não de uma lógica de mercado. Não é algo criado pra vender, é algo criado pra expressar.

“O que você espera de um “Coxa Rasta” no dia a dia? Além de cantar os 90 minutos, qual é a conduta ética e social que você considera indispensável para quem veste essa camisa?”

Ser Coxa Rasta é representar o Coritiba Foot Ball Club com atitude no dia a dia, ser antirracista de verdade, ter respeito por todos, agir com consciência social . Não é só cantar os 90 minutos, é postura fora do estádio também.

Você é conhecido por ser um cara esperto e articulado. Como você usa essa malandragem do bem para mediar conflitos e manter a harmonia em um ambiente tão passional quanto o futebol?

Contra a ignorância, temos que utilizar a inteligência!

Existe um esforço da Coxa Rasta em “educar” seus membros sobre questões sociais? Como o movimento se posiciona diante de temas como racismo, classismo e outras formas de preconceito no estádio?

Com certeza e nosso posicionamento é bem claro: racismo, classismo e qualquer preconceito não são aceitos. Quem representa a Coxa Rasta deve agir com respeito, consciência e responsabilidade.

Nestes 4 anos de história, qual foi o desafio mais difícil que você enfrentou à frente do movimento e que quase ninguém ficou sabendo?

O desafio é viver 24 horas por dia, 7 dias por semana o movimento, ter atribuições profissionais, familiares, artísticas que vão além das arquibancadas e ainda ter disposição para fazer o nosso propósito se alastrar cada vez mais.

Todo dia é um desafio diferente!

Como você enxerga o amadurecimento da Coxa Rasta desde a primeira reunião até este aniversário de quatro anos? O que mudou no Tio Coringa de 4 anos atrás para o de hoje?

A Coxa Rasta saiu da construção pra maturidade: hoje é mais organizada e respeitada dentro do Coritiba Foot Ball Club. Somos referência para diversos outros movimentos dentro e fora do estado.

O Tio Coringa continua firme no propósito e convicto do trabalho que vem sendo feito junto com todos que fazem parte do movimento, é uma construção coletiva.

Qual você sente que é a percepção do clube em relação ao movimento hoje? Vocês se sentem parte integrante da instituição ou uma força independente que a empurra para frente?

A Coxa Rasta se posiciona como parte da força do clube, mas mantendo sua identidade: independente, crítica e ativa, ajudando a empurrar o Coritiba pra frente independente da situação.

Onde você quer que a Coxa Rasta esteja daqui a 5 anos? Existem planos para projetos sociais estruturados ou uma sede que funcione como centro cultural?

Daqui a 5 anos, a ideia é ver a Coxa Rasta ainda mais forte, organizada e influente dentro do Coritiba Foot Ball Club, sendo referência de torcida consciente no Brasil.

Sim, o caminho natural é evoluir para projetos sociais mais estruturados e, se possível, uma sede própria que funcione como centro multicultural.

Se você pudesse deixar uma única lição para o jovem que está entrando agora na Coxa Rasta e quer seguir seus passos na liderança, qual seria?

Seja exemplo antes de ser voz. Dentro e fora do Coritiba Foot Ball Club, atitude, respeito e consciência valem mais que qualquer discurso.

Para fechar, este livro é o primeiro registro histórico oficial do movimento. Qual é o sentimento de saber que, daqui a 50 anos, pesquisadores lerão as suas palavras para entender o que era ser um Coxa Rasta em 2026?

É um sentimento que atravessa o peito. Pensar que, daqui a 50 anos, alguém vai ler essas palavras pra entender o que era ser Coxa Rasta é como eternizar o que a gente viveu com o coração sempre pulsando forte

Porque não era só sobre futebol. Era sobre pertencer, resistir, levantar quem tava do lado e nunca soltar a mão de ninguém, NINGUÉM fica pra trás. Se essas palavras chegarem vivas no futuro, que levem junto o nossa IDEOLOGIA, nossa verdade e nossa essência: a de um movimento que transformou gerações e deixou um grande legado,

LIBERDADE – IGUALDADE - PAZ.

A HORA DO PITO!

Presidente, a gente sabe que o corre da vida é doido: trabalho, conta pra pagar, cansaço acumulado... e às vezes o pessoal do movimento acaba deixando a peteca cair ou esquecendo o propósito maior da Coxa Rasta no meio desse caos. Se você tivesse que dar uma ‘chamada geral’ agora, olhando no olho de quem está cansado e pensando em desistir ou se desleixar, o que você diria para nos colocar no prumo de novo?

Eu sei que o corpo pesa. Eu sei que o ônibus lotado e a jornada dupla tiram o brilho do olho de qualquer um. Eu também sinto isso.

Mas escuta aqui, a Coxa Rasta não é mais um fardo na sua mochila. Se você está tratando o nosso ideal como uma < tarefa>, você entendeu tudo errado. O sistema quer a gente cansado e isolado; o movimento é onde a gente se cura. Se você cansa do coletivo, você está entregando os pontos para o que nos oprime.

Olha para a minha caminhada. Eu não estou aqui porque me sobra tempo, estou aqui porque me sobra amor. Se a gente não cuidar um do outro agora, o ‘corre’ vai engolir a nossa paz. Levanta a cabeça, respira fundo e volta pro jogo. O pito tá dado: menos desculpa, mais presença.

QUATRO ANOS DE RAIZ, LUTA E ALVIVERDE

Chegamos ao fim destas páginas, mas o movimento está apenas começando. Completar quatro anos de estrada não é para qualquer um, especialmente em um cenário onde o futebol muitas vezes tenta sufocar a identidade em prol do negócio. A Coxa Rasta sobrevive e prospera porque é feita de verdade.

Um Salve à Quem Faz o Corre

Nada disso seria possível sem o suor de quem está no “front”. Fica aqui o nosso agradecimento máximo:

À Equipe de Materiais: Que vira noites, carrega peso e garante que o nosso visual seja impecável e nossa mensagem seja vista de longe. Vocês são o braço forte desse movimento.

À Diretoria e Presidência: Pela visão estratégica, pela resiliência em manter o leme firme mesmo nas tempestades e por nunca deixarem a ideologia se apagar.

Aos Membros: A cada um que veste o manto, que canta até a voz falhar e que entende que ser Coxa Rasta é um estilo de vida.

O Convite: Papo Reto, Sem Curva

Agora, um recado direto para você que leu até aqui e ainda está “em cima do muro”, o futebol precisa de você, mas a revolução precisa da sua atitude. Não adianta reclamar da violência ou do preconceito nas redes sociais se, na hora do jogo, você não se posiciona. A Coxa Rasta não é um clube de lazer; é um território

de resistência. Se você acredita que o estádio deve ser um lugar de paz, se você não aceita mais o racismo, a homofobia e o assédio como «parte do jogo», o seu lugar é aqui conosco.

Para quem já é da casa, obrigado por não desistir. O movimento só respira porque vocês doam seu tempo, sua energia e seu amor. Cada bandeira esticada é um grito contra o sistema.

O AMANHÃ É RASTA E ALVIVERDE

Parabéns, Coxa Rasta, pelos seus 4 anos de história!

Que venham décadas de luta, de fumaça verde e de consciência elevada. Que o Couto Pereira continue sendo o nosso quilombo, o nosso refúgio e o palco da nossa alegria.

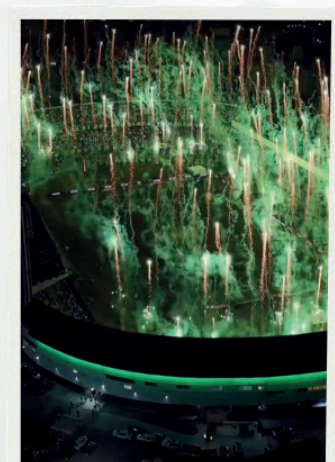
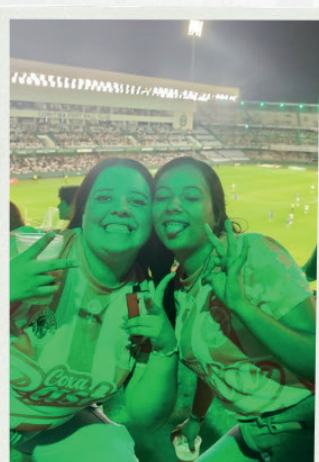
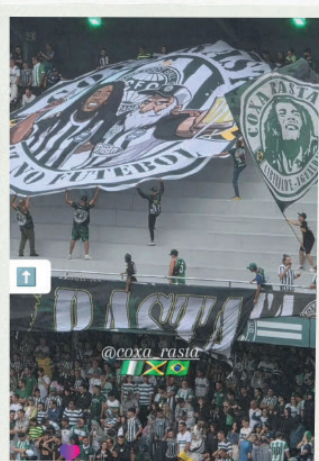
Agradecemos a cada leitor pela atenção. O livro termina aqui, mas a nossa caminhada na arquibancada continua.

Paz no futebol. Respeito na vida. Coxa Rasta sempre!

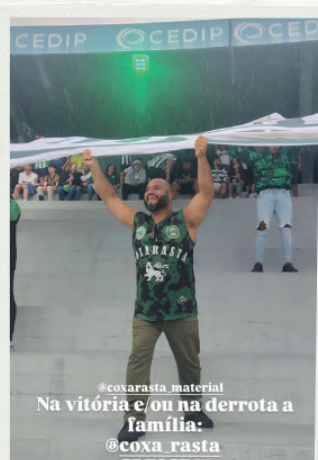
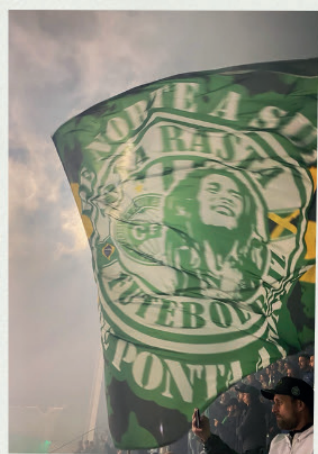
GALERIA DE FOTOS



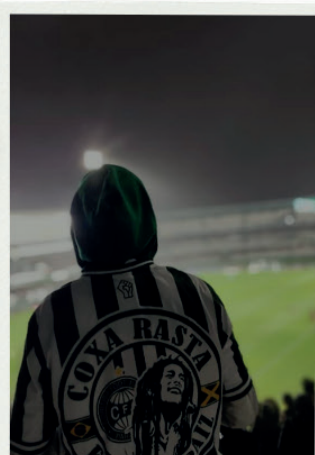
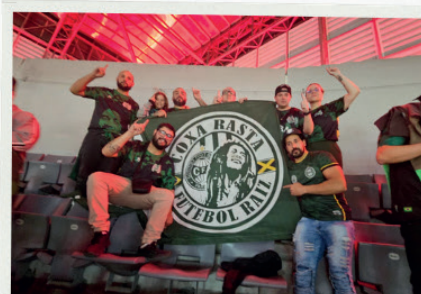
GALERIA DE FOTOS



GALERIA DE FOTOS



GALERIA DE FOTOS



GALERIA DE FOTOS



GALERIA DE FOTOS



REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.